

WILSON MARTINS

A uniformidade dos paradoxos cabralinos

Para João Cabral de Melo Neto, os críticos descobriram e vivem repetindo lugares-comuns sobre a sua poesia

Escrevendo em linguagem referencial, e não metafórica, João Cabral de Melo Neto é poeta de fácil compreensão, instigando, por um lado, a leitura parafrástica na qual os críticos repetem em prosa, a narrativa biográfica em que procuram instintivamente respostas para as perguntas implícitas a que os textos não sabem responder. São poemas em uma dimensão, como os antigos desenhos egípcios ou a pintura bizantina, em que tudo está no primeiro plano, sem linhas de fuga nem efeitos de perspectiva: vemos as figuras e as paisagens, mas, ao contrário do que pensava Amiel, a paisagem não é, nessa poesia, um estado de alma.

Palavra, esta última, e a coisa que representa, encardidas com horror pelo poeta: José Castello viu-o com agudeza quando o qualificou de "Homem sem alma" (Rio: Rocco, 1996). É, diz ele, "um dos mais importantes poetas da língua portuguesa no século XX", se não pelo outros motivos, acrescento eu, pelos prêmios que recebeu e pelo número de estudos que lhe foram consagrados, situação tautológica em que a importância, justificando os estudos e prêmios, os prêmios e estudos confirmam a importância. Nesse quadro, os "Cadernos de literatura brasileira" sagraram-no, na edição de lançamento (março de 1996) como "a pedra de toque da poesia brasileira", imagem ao mesmo tempo mineral (derivada de sua natureza de poeta) e ligada à joalheira, o que não é menos mineral mas têm conotações irônicas, conhecendo-se a sua revulsão física pelo parnasianismo, pois João Cabral, à primeira vista, está longe de "imitar o ourives quando escreve".

Mas, estará mesmo? Sua busca obsessiva da perfeição de fatura colocou-o, ao contrário, na mesma bancada oficial dos poetas que despreza, pois eles também rejeitavam a facilidade e os automatismos da "inspiração" em favor do rigor técnico e da perfeição linguística. Por escandaloso e até ofensivo que pareça, João Cabral é um parnasiano da poesia moderna, sendo ingenuamente parnasiano a sua "atitude" diante da página em branco. Quanto a isso, ele en-



O CEREBRALISMO DA POESIA de João Cabral de Melo Neto é explicado no livro "O homem sem alma", lançado com o selo da Rocco

cara erradamente o parnasianismo pelos lugares-comuns depreciativos e simplistas que correm como verdades aceitas.

Enquanto "pedra de toque" da poesia brasileira, isto é, como o padrão de qualidade pelo qual se deve medi-la e julgá-la, sua obra propõe um dilema inevitável: ou é uma ideia subjetiva e opinativa, sem nenhum valor crítico, ou ignora que ela se situa deliberadamente por oposição ao *corpus* literário com que se defronta. É negando a poesia que Ca-

bral se faz poeta", escreve José Castello, confirmando-lhe, aliás, a reivindicação de ser "o contrário do que em geral se chama poeta". Isso, porque sua concepção de poeta é curiosamente idiossincrásica: "A palavra me dá arrepios. Ela traz uma conotação de sujeito romântico, sonhador, irresponsável e até homossexual." Ele gosta das imagens fortes, inclusive na qualificação dessa "outra poesia" com adjetivos coproláticos.

Esse é o paradoxo central de sua obra

e personalidade: a sua é uma "poética antilírica e até antipoética." Ele escreve "para ocultar um impasse", diz José Castello, o impasse em que se meteu com essa visão literária ou em que foi melido por um temperamento fora de série (fora da série brasileira). Poeta insular, escreve a poesia anti-incosativa por excelência. Desde cedo, isto é, desde os tempos de colégio, ele manifestou "verdadeiro horror à poesia" tal como a encontrava nas antologias didáticas. Ora, essa era a poesia brasileira repre-

sentada pelo autores paradigmáticos, de forma que, então como hoje, João Cabral negava-lhe legitimidade ou autenticidade a partir das suas próprias singularidades de temperamento. Em outras palavras, a poesia brasileira estava e, a julgar pelo jaspes de sua oficina, continua "errada" ou, pelo menos, de duvidoso quilate.

Trata-se, como é sabido, de um poeta cerebral, absolutamente inlenso à sensibilidade, mesmo a sensibilidade artística. O máximo que se permite é o que os franceses chamariam de *amour de l'ête*, sem ofensa para o poeta martirizado a vida inteira pela cefalalgia, afinal curada, numa espécie de licença poética cirúrgica, pelo corte do nervo vago (sem trocadilho). Poeta de gama reduzida, tentado, diz José Castello, "pelas facilidades do automático e da repetição que a experiência confere", irrita-se, entretanto, contra os críticos que vivem repetindo as mesmas coisas sobre uma poesia que, tudo bem considerado, diz sempre as mesmas coisas. Ele pensa que críticos literários descobriram meia dúzia de clichês a respeito de sua poesia, e que passam a vida repetindo esses lugares-comuns. Isso não acontece só comigo", admite. Mas minha poesia é particularmente vulnerável a esse tipo de esclerose de julgamento, porque é uma poesia basicamente uniforme. Seria preciso sublinhar fortemente estas últimas palavras, pois elas reconciliam os críticos com o seu poeta.

No conjunto dessa crítica repetitiva e, como ficou dito, incapaz de ir além do texto imediato, José Castello escreveu o primeiro livro inteligente sobre um poeta dominado pelo cerebralismo. É estudo que nos faz realmente compreender a poesia (e não apenas as palavras dos poemas), se, por uma questão de afinidades eletivas, nem todos estarão predispostos a amá-la. É "um dos poetas brasileiros mais importantes" numa literatura que talvez esteja mais bem representada por outros poetas que ele mesmo e os seus admiradores mais entusiastas julgarão menos importantes.

Fidelidade em busca da aventura do pensamento

Livro póstumo de Pedro Pellegrino será lançado com festa e vídeo

Os amigos sempre foram muito importantes na vida do psicanalista, poeta e artista plástico Pedro Pellegrino. Quando ele escreveu, com o antropólogo Pedro Garcia, "Trinta e quatro poemas e dois Pedros", pretendia lançá-lo numa grande festa. Mas a morte prematura, em março deste ano, atrapalhou os seus planos. Os amigos fiéis perseguiram o sonho de Pedro e, no dia 1º de outubro, a partir das 19h, estarão lançando "Trinta e quatro poemas e dois Pedros", na Livraria do Museu da República. Com uma grande festa, como ele queria.

Pedro preparou este livro alguns meses antes de morrer — lembra a viúva Thaís Pellegrino. — Ainda no CTI do hospital ele recebeu os amigos Sábato Magaldi e Edla Van Steen para fazer a revisão e discutir os últimos detalhes do livro, que tem 17 poemas de cada autor.

Na festa será exibido um vídeo sobre a obra do artista mineiro, filho do psicanalista Hélio Pellegrino. O vídeo é sonorizado com a leitura de suas poesias, que perseguiram, como ele mesmo disse, "a fidelidade em busca da aventura do pensamento".

Frei Beto acompanhou a leitura deste livro, que, para Pedro, era muito bonito, por ser o primeiro feito junto com um amigo — lembra Thaís.

Ao lado de outros autores, a irmã de Pedro, a atriz Dora Pellegrino, fará uma leitura dos poemas do irmão, um homem capaz de vãos sensíveis como o de Constelação: "Venho de um negro tempo irreduzível, anterior a mim/ Vou para um negro tempo desmedido/ Infinito campo de ébano/ onde me apagarei".

Poeta com máscara de filósofo popular

Manoel de Barros diz que, em seu novo livro, quis fazer brinquedos com palavras

Livro sobre nada de Manoel de Barros Editora Record, 85 páginas. R\$15

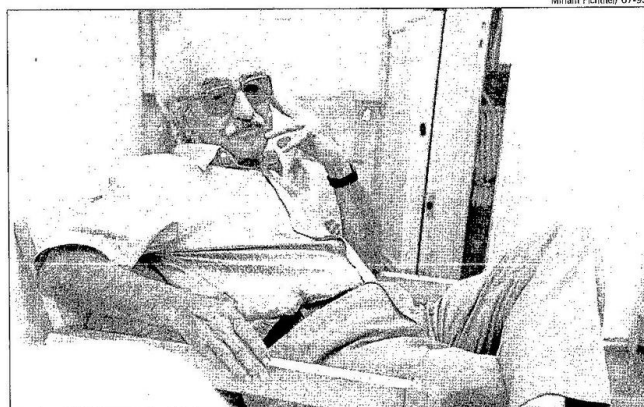
José Lino Grunewald

Um livro singelo, vamos supor, despretensioso: aparentemente simples. Pois, conforme o título, fala sobre nada. Mas pode haver o necessário detalhe gramatical, o artigo: nada não seria "O Nada"? Vejamos. "Tudo que não invento é falso". Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira. "Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar notícia". Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada; mas quando não desejo contar nada, faço poesia. "Eu queria ser lido pelas pedras". "Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade". Aí está um piscar-piscar da dogmática do poeta — é dogma por ser direto e afirmativo, não agasalha dúvidas. E também porque encaixa a negação da dúvida. Afinal, o que é dúvida? E o que seria poesia depois de Parmênides? Não esquecer do grego: *poiesis* = fazer.

Livro do poeta pantaneiro é um alarme para o silêncio

Falando em nada ou Nada, vamos supor que Mallarmé entre em cena, e também Sartre: o problema de língua e/ou linguagem. "O Nada tendo partido, resta o castelo da pureza" (Mallarmé, no desfecho de "Igitar"). Em nossa língua, há uma só palavra (nada) para tudo em torno das valências de significado.

No francês, por exemplo, existe *rien* e *néant* (pronomes indefinido e substantivo). "O uso que fazemos da noção de nada (*néant*) em sua forma familiar sempre pressupõe uma especificação do ser. É ótimo que a língua nos propicie um nada de coisas (*rien*) e um na-



MANOEL DE BARROS: verbalização de substantivos fora dos eixos convencionais da sintaxe num livro despretensioso

da do ser humano ("ninguém") (Sartre, "O ser e o nada").

Então Manoel de Barros é um de nossos poetas mais originais dos últimos tempos? Do penúltimo e inventivo "O livro das ignorâncias" ("Ajeito os ombros para entardecer"), salta para o despojamento de tendência conceitual: "Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio..." Assim explica no "Pretexto" que antecede os textos: "O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desuítas. O nada mesmo".

Uma postura primitiva ornada de saberes, "Como dizer, eu pendurei um bentei no sol..." ou "Em aba de chapéu velho só nasce flor taciturna". O poeta entrega a máscara do filósofo popular. Sua intuição, dispensando poderosos e fabulosos alarifes, há muito

sabe que duas coisas tão amplas e heterogêneas como ciência e natureza apontam para o nada. É o fim de viagem de epistemólogos ou caçadores de borboletas. São também o acaso das borboletas de Manoel de Barros (casos, imagens, conceitos): "Perder o nada é um empobrecimento".

Na quarta e última parte do pequeno livro, ele narra, descreve ou conta histórias pelos versos. Síncopa, sabor, secura, concisão. "Os outros: o melhor de mim sou eles", este o título pelo qual já se reinicia uma das facetas de MB, ou seja, o desvio do predicado. Tão natural para o poeta como a verbalização de substantivos fora dos eixos convencionais da sintaxe: "Aronas de jacinto me infantam"; "A sensatez me absurda". No antológico "O andarilho", 21 versos escondem um personagem que firma padrão: "Eu já dis-

se quem sou eu/ Meu desnome é Andaleço/ Andando devagar eu atraso o final do dia".

"As lições de R.Q." e a nota que o precede compõem uma postulação estética: "A expressão reta não sonha/ Não use o troco acoturnado". A oreilha escrita por Lúcia Castello Branco é um complemento importante. Descerra investigações e delineia o teor do autor, a frisar em especial o nada não metafísico. "O poeta é um fingidor", já dizia Fernando Pessoa. Por isso e em decorrência voltamos às cintilações em torno do nada, com a chave de ouro entregue a Heldegger: "O ausente dentro do ser é a essência daquilo que eu denomino o nada. Daí porque o pensamento, por pensar no ser, pensa no nada".

JOSÉ LINO GRUNEWALD é poeta e tradutor

Witold Rybczynski analisa a vida nas grandes cidades

Escritor chegará ao Brasil na segunda-feira e fará palestra na ABL

Autor de "Casa" e "Vida nas cidades", lançados pela editora Record, o arquiteto, urbanista e historiador Witold Rybczynski chega ao Brasil nesta segunda-feira, para cumprir uma agenda intensa no Rio e em São Paulo. Na terça, às 18h30m, ele fará uma palestra sobre o tema "Casa: pequena história de uma ideia", na mostra Casa Cor, em Santa Teresa. No dia seguinte estará no auditório da Academia Brasileira de Letras abordando o tema "Vida nas cidades: desafios e perspectivas", numa palestra promovida pela Fundação Roberto Marinho. Estarão presentes o antropólogo Gilberto Velho e a historiadora Maria Alice Rezende de Carvalho.

Professor de Urbanismo da Universidade da Pensilvânia, Rybczynski investiga questões como: por que as cidades americanas foram construídas privilegiando as construções privadas, ao invés das praças e monumentos públicos? Ele é autor de mais de 50 ensaios sobre arquitetura, urbanismo, habitação e decoração, sempre atento aos aspectos históricos, sociológicos e antropológicos dessas áreas.

Como arquiteto, este filho de imigrantes poloneses que nasceu na Escócia, e foi educado em escolas jesuítas na Inglaterra e no Canadá, assinou projetos arquitetônicos no Canadá, nos Estados Unidos e na Europa. Formado em Arquitetura pela Universidade de Montreal, Rybczynski pesquisou durante quase uma década o tema moradias populares, assunto sempre abordado em suas aulas como professor convidado da Universidade de Cornell e da Ecole Pratique des Hautes Etudes, em Paris.

